

distúrbio renal (OR = 1,67; IC95% = 1,64-1,70)]. Entre todos os pacientes internados com a COVID-19, a necessidade de UTI (OR = 2,08; IC95% = 2,06-2,13) e de suporte ventilatório invasivo (OR = 14,86; IC 95% = 14,66-15,05) tiveram impacto na morte.

Conclusão: Embora o número de mortes diárias por coronavírus tenha diminuído durante a pandemia da COVID-19, nossa análise retrospectiva mostrou um maior número de taxas de letalidade em pacientes que necessitam de UTI, principalmente quando utilizavam ventilação mecânica invasiva, em comparação com o resto do mundo.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104262>

EP-361 - PERFIL DA SÍNDROME RESPIRATÓRIA AGUDA GRAVE (SRAG) EM 61.118 PACIENTES HOSPITALIZADOS COM MENOS DE UM ANO DE IDADE NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Nathalia Mariana Santos Sansone,
Thaís Parisotto Ulmer,
Andrea de Melo Alexandre Fraga,
Fernando Augusto Lima Marson

Universidade São Francisco (USF), São Paulo, SP,
Brasil

Introdução: A COVID-19 em pacientes com menos de 1 ano de idade foi associada a sintomas mais leves da doença e menores taxas de mortalidade.

Objetivo: O objetivo primário foi descrever as características de pacientes com menos de 1 ano de idade no Brasil com diagnóstico da SRAG. O objetivo secundário foi demonstrar fatores associados à morte por COVID-19 nessa faixa etária no país.

Método: As características dos pacientes menores de 1 ano internados por SRAG foram obtidas na plataforma OpenData-SUS. Os pacientes foram classificados da seguinte forma: (G1) COVID-19 (RT-PCR ou testes de antígeno positivos); (G2) SRAG causada por outros fatores etiológicos conhecidos (por exemplo, influenza, rinovírus e vírus sincicial respiratório); e (G3) SRAG por agente etiológico indefinido (possível subnotificação da COVID-19). Os preditores de óbito no G1 foram listados por meio de análise de regressão logística binária multivariada. Foi aplicado um alfa de 0,05.

Resultados: O número de pacientes menores de 1 ano internados por SRAG incluídos foi de 61.118 [G1 (n = 8.700; 14,2%), G2 (n = 7.775; 12,7%) e G3 (n = 44.643; 73,1%)]. O óbito, quando descrito, foi observado com maior frequência no G1 (n = 760; 10,4%) em comparação ao G2 (n = 130; 1,8%) e G3 (n = 1.289; 4,0%). Os perfis demográficos, clínicos e evolutivos dos pacientes em tratamento hospitalar foram diferentes no G1, G2 e G3. Portanto, diferentes fatores podem estar associados à classificação dos pacientes em cada grupo e ao possível subdiagnóstico da COVID-19 no G3. A análise multivariada foi capaz de prever o óbito entre os pacientes classificados como G1 e os principais preditores foram: raça [asiática (OR = 6,80; IC 95% = 1,76-26,28) e pardos (raça multirracial; OR = 1,94; IC 95% = 1,35-2,80)], presença de comorbidades [cardiopatas (OR = 2,97; IC 95% = 1,89-4,67), síndrome de Down

(OR = 3,28; IC 95% = 1,60-6,72), diabetes mellitus (OR = 5,26; IC 95% = 1,30-21,36) e outras comorbidades (OR = 1,89; IC 95% = 1,32-2,71)], necessidade de tratamento em unidade de terapia intensiva (OR = 1,76; IC 95% = 1,14-2,73) e necessidade de suporte ventilatório invasivo (OR = 15,60; IC 95% = 8,59-28,34).

Conclusão: A SRAG em pacientes < 1 ano de idade esteve associada à presença de agente etiológico indefinido, e essa classificação pode estar relacionada à provável subnotificação da COVID-19. As características demográficas dos pacientes foram diferentes entre os grupos de SRAG e os principais preditores de óbito no G1 foram raça, comorbidades e necessidade de cuidados intensivos, incluindo suporte ventilatório invasivo.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104263>

EP-362 - SÍNDROME PÓS-COVID EM PESSOAS QUE VIVEM COM O HIV/AIDS

Camila Gonçalves Alves, Lenice Rosário Souza,
Carlos Magno C.B. Fortaleza,
Karen Ingrid Tasca

Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB),
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu,
SP, Brasil

Introdução: Síndrome Pós-Covid (SPC) se refere aos sintomas persistentes após 3 semanas do diagnóstico da Covid-19. Com uma estimativa de 200 milhões de pessoas afetadas, são escassos os estudos que avaliam SPC nas pessoas que vivem com o HIV/aids (PVHA), e portanto, sua caracterização e o melhor entendimento sobre seu impacto na qualidade de vida, merecem ser estudados para que haja direcionamento assertivo em políticas de encaminhamento/tratamento destes casos.

Objetivo: Verificar a incidência da SPC, suas características, os fatores de risco associados e o impacto desta condição na qualidade de vida das PVHA, considerando a percepção as mudanças na escala do estado funcional e grau de dependência na execução de tarefas motoras, cognitivas e de comunicação.

Método: Trata-se de um estudo retrospectivo de amostra de conveniência, que envolveu 102 adultos acompanhados no Serviço de Infectologia de Botucatu (SAEI-DAM), e que tiveram o diagnóstico de infecção por SARS-CoV-2 entre 2022-2023. Apenas aqueles que relataram SPC, os instrumentos de coleta, aplicados por telefone, foram: 1) Escala do estado funcional Pós-Covid-19 (PCFS); 2) Medical Outcomes Study (SF-36); e 3) Medida de Independência Funcional (MIF). Foram realizadas tabelas de associações e regressão logística na análise ($p < 0,05$).

Resultados: Das 50 PVHA que atenderam as ligações, 17 (34%) relataram SPC e 13 aceitaram participar do estudo. A média de idade foi de 43,3 anos (± 13), 84,6% eram mulheres, 23,1% haviam sido hospitalizados, 15,4% tiveram infecção aguda assintomática e 15,4% apresentava alguma comorbidade. O cansaço foi o sintoma persistente mais evidente, presente em 76,9% dos participantes. Nenhum parâmetro do HIV

teve associação com a ocorrência de SPC, e o único fator de risco encontrado foi o sexo feminino (OR: 6,979; 1,677-29,051, IC95%, $p=0,0076$). Na PCFS, 69,2% das pessoas relataram grau zero de dependência antes da Covid, mas só 53,4% permaneceram neste mesmo nível após a doença, sendo que 15,4% dos participantes relataram precisar de algum tipo de supervisão para alguma atividade cotidiana. Na análise da qualidade de vida, a pontuação atingida foi, em média, 52,3(± 5), de um total possível de 74 pontos, ou seja, houve uma piora superior a 25%.

Conclusão: A SPC ocorreu em 1/3 das PVHA, e refletiu em substancial piora na qualidade de vida. São necessárias e urgentes recomendações de intervenções que promovam melhorias na saúde física e mental desta população.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104264>

EP-363 - MUCORMICOSE EM PACIENTES INFECTADOS PELO SARS COV-2

Lourdes Helena Rabelo Dias,
Cecília Secchin de Jesus, Igor Mota Andrade,
Ana Júlia Oliveira Freitas,
Claymara Santana Fanti, Iris Ricardo Rossin

Faculdade de Medicina Estácio de Ribeirão Preto,
Ribeirão Preto, SP, Brasil

Introdução: A mucormicose é uma infecção fúngica invasiva cuja maior incidência pode ser observada em pacientes infectados pelo SARS- COV- 2 durante a pandemia de COVID-19. O processo de infecção viral promove graus variáveis de comprometimento imunológico com inflamação desregulada, com perda de células reguladoras como linfócitos T CD4 e CD8. Pacientes com quadros graves de COVID-19 internados em UTI para uso de ventilação mecânica e com internação prolongada são mais propensos a desenvolver infecções fúngicas secundárias, sendo que a mucormicose pode causar quadros clínicos invasivos com elevada gravidade e desfechos desfavoráveis.

Objetivo: O objetivo desta revisão sistemática é analisar de forma crítica e verídica as publicações científicas atuais que relatam a ocorrência de coinfeção entre mucormicose e SARS- COV-2 durante a pandemia de COVID-19, e realizar um levantamento de dados sintetizando as principais informações sobre prevalência, fatores de risco associados, tratamento adequado e prognóstico.

Método: Revisão de onze artigos publicados em revistas e jornais médicos, nos últimos cinco anos, nas bases de dados PubMed, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e MedLine. Foram incluídos artigos em idioma português e inglês e utilizado o marcado booleano "AND".

Resultados: Os dados atuais publicados na literatura relatam um aumento nos casos de mucormicose no ano de 2020 em relação ao ano anterior, quando ainda não havia sido descrita a pandemia. Além disso, indivíduos infectados pelo SARS-COV-2 e que recebem corticosteroides sistêmicos sem indicação ou de forma indiscriminada, e/ou que têm histórico de diabetes mellitus não controlado são mais propensos a desenvolver

manifestações graves de mucormicose pós infecção por SARS- COV- 2.

Conclusão: A revisão de diversos estudos permitiu observar que existe uma associação clara entre a COVID-19 e mucormicose, sendo relatados desfechos com mau prognóstico, principalmente em pacientes diabéticos e naqueles que receberam corticosteroides em altas doses. A suspeita diagnóstica precoce e a investigação propedêutica adequada são decisivas para a terapêutica direcionada e assertiva, uma vez que podem melhorar os índices de sobrevida dos indivíduos acometidos pela mucormicose em vigência da coinfeção por SARS-COV-2.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104265>

EP-364 - ATIVIDADE DE EXTRATOS DE PLANTAS E ÓLEOS ESSENCIAIS SOBRE O VÍRUS SARS-COV-2: ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

Marcelo Barbosa, Edlaine Faria M. Villela

Pós-Graduação em Ciências da Secretaria de Estado
da Saúde de São Paulo (SES-SP), São Paulo, SP,
Brasil

Introdução: Registros arqueológicos relatam que o uso das plantas medicinais acontece desde a pré-história, com apontamentos de que o homem ao se alimentar de raízes e ervas, instintivamente, utilizava as plantas como medicamentos e, diante da pandemia de COVID-19, deve-se levar em consideração que a busca pelo tratamento de uma doença, sem a menor perspectiva de controle, passe por todos os meandros da medicina incluindo a medicina alternativa, por meio das plantas medicinais.

Objetivo: O objetivo deste trabalho foi descrever os artigos científicos publicados sobre extratos de plantas e óleos essenciais que possuem atuação sobre o vírus SARS-CoV-2 no período de 2020 a 2022.

Método: Tratou-se de estudo exploratório, descritivo e retrospectivo, realizado, por meio de revisão bibliográfica.

Resultados: O total de artigos recuperados foi de 424 sobre extratos de plantas e 15 sobre óleos essenciais que, após a exclusão de artigos, selecionou-se 34 (8%) de extratos de plantas e dois (13%) de óleos essenciais, com os quais se desenvolveram as análises.

Conclusão: Quanto às características formais da produção científica, concluiu-se que no ano de 2020 não foram encontrados artigos sobre os temas. Os autores chineses, indianos e japoneses tiveram a mesma totalidade de publicações, mas os indianos e japoneses apresentaram artigos mais atualizados. As instituições públicas foram as que mais publicaram sobre os temas e a China foi o país com maior número de publicações. Nas análises de rede de correlação por coautoria e por coocorrência dos termos, concluiu-se que as coautorias dos dois temas não apresentaram diferenças nas correlações entre os autores e os termos MeSH que tiveram maior força de relacionamento foram SARS-CoV-2, Plant Extracts, COVID-19, Humans, Antiviral Agents e Volatile Oils. Sobre os conteúdos abordados concluiu-se que as plantas medicinais, seus extratos e os óleos essenciais possuem potencial eficácia